

## A ANÁFORA RECATEGORIZADORA EM REDAÇÃO DO ENEM: UMA ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Roberto Claudio Bento da Silva<sup>1</sup>  
Cícera Alves Agostinho de Sá<sup>2</sup>  
Ivaneide Gonçalves de Brito<sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho com a produção de textos no ensino médio não tem atingido o objetivo a que se propõe a se observar pela pequena quantidade de redações avaliadas com nota máxima em reiteradas edições do Enem. Partindo dessa constatação, este trabalho tem como objetivo analisar o uso da anáfora recategorizadora em uma redação avaliada com nota 1000 na edição de 2018 do Enem. Para tanto, baseou-se nos pressupostos defendidos por Mondada e Dubois (1995), Koch (2004), Cavalcante (2013), Lima e Cavalcante (2015), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Antunes (2010), dentre outros. Quanto à metodologia apresenta-se uma pesquisa qualitativa, com procedimento descritivo e explicativo, de natureza aplicada, além de pesquisa bibliográfica. Como resultado, verificou-se que a estratégia de recategorização contribui para a organização das ideias na materialidade textual, construindo o fio condutor do texto através de retomadas e ampliação de referentes e contribuindo para a concretização do projeto de dizer do candidato. Diante disso, julgamos de suma importância que as práticas docentes desenvolvidas em sala de aula no ensino médio contemplem a abordagem desse tema visando uma preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior pela via do Enem.

**Palavras-chave:** Linguística textual, Referenciação, Anáfora recategorizadora, Redação ENEM, Ensino.

### INTRODUÇÃO

O trabalho com a produção de texto no ambiente escolar ainda se mostra desafiador para professores e alunos da educação básica. Os dados da avaliação da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), edição 2018, no tocante à prova de redação, mostram que os alunos não estão aprendendo a produzir um texto dissertativo-argumentativo e, dificilmente, estão aprendendo a produzir outros gêneros, tendo em vista que o trabalho com a escrita no ensino médio tem como foco a preparação do aluno para a produção do gênero pedido no ENEM, negligenciando-se o trabalho com outros gêneros.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *campus* de Pau dos Ferros/RN. E-mail: robertoclaudiobento@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *campus* de Pau dos Ferros/RN. E-mail: ciceralvesdsa@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *campus* de Pau dos Ferros/RN. E-mail: ivaneidegbrito@hotmail.com

A pesquisa se justifica pelo grande desafio, a se observar pelos resultados do ENEM, que se percebe na preparação dos alunos, especialmente na etapa final da educação básica, para conseguirem produzir uma manifestação escrita bem elaborada, com objetivos claros, considerando-se o contexto de produção.

Nesse sentido, analisar redações avaliadas com notas máximas no ENEM, assim como texto bem formados, contribui para que os alunos reflitam sobre a organização de tais textos, como as ideias se estruturam, visando a construção de um texto que atenda aos requisitos cobrados na avaliação e, a partir daí, passem a refletir sobre a forma como tais textos se organizam, e construam suas estratégias de planejamento de uma manifestação linguística que atenda a propósitos determinados.

Conforme defendido por Antunes (2010), analisar textos é refletir sobre sua organização, sobre sua estrutura, verificando como as ideias são construídas, identificando as partes que os constituem, compreendendo os objetivos pretendidos e os efeitos de sentido produzidos a partir da organização das palavras na materialidade textual. Tarefas como essas contribuirão para o desenvolvimento da capacidade de construir uma manifestação escrita bem elaborada.

Nesse sentido, e com o propósito de analisar o uso da anáfora recategorizadora e sua contribuição para a retomada e progressão das ideias em uma redação nota 1000 do ENEM, procedemos a uma discussão do conceito de anáfora recategorizadora a partir da visão de alguns autores que tratam da referenciação. Em seguida, trazemos uma redação do ENEM, edição 2018, avaliada com nota máxima, a qual servirá como *corpus* para analisarmos o uso da recategorização e sua contribuição para a organização e progressão das ideias no texto.

Como aporte teórico, baseamo-nos nas ideias de Mondada e Dubois (1995), Koch (2004), Cavalcante (2013), Lima e Cavalcante (2015), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Antunes (2010), dentre outros.

Como resultados, verificamos que a recategorização de referentes contribui para a organização do texto, contribuindo para a retomada e a progressão das ideias no texto por meio da estratégia de ampliação de referentes.

Como organização do trabalho, trazemos esta introdução e uma breve justificção da metodologia, a seguir. Na sequência, trazemos uma discussão sobre a anáfora recategorizadora à luz dos teóricos estudados, seguida da apresentação de uma redação no 1000 no ENEM, edição 2018, na qual analisamos o uso da recategorização e, finalmente, trazemos algumas considerações a título de conclusão.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho se enquadra em uma pesquisa de abordagem qualitativa por se preocupar com o estudo de uma estratégia de referenciação presente em uma redação escrita em um contexto de avaliação do ENEM. Além disso, configura-se como uma pesquisa de base interpretativa, com procedimento descritivo e explicativo, uma vez que buscamos compreender o uso da recategorização em um texto escrito; e com caráter aplicado, tendo em vista a possibilidade de aplicação em contextos de práticas docentes em sala de aula do ensino médio para o trabalho com a produção de textos.

## **DISCUTINDO A RECATEGORIZAÇÃO COMO FIO CONDUTOR DO TEXTO**

A construção do projeto de dizer, diante do processo de escrita, requer do escritor habilidades na seleção de referentes para atender a suas intenções comunicativas, bem como na construção de informações que venham ampliar a exploração desses referentes, de forma que eles mantenham uma estreita relação com o assunto tratado no texto, contribuindo para o alcance dos objetivos pretendidos pelo autor.

Para tanto, uma primeira estratégia a ser adotada é a seleção de referentes, a qual contempla três ações: a primeira se refere ao processo de introdução de referentes no modelo textual logicamente organizados e relacionados às intenções comunicativas do autor, o qual Koch (2014) define como estratégia de ativação de referentes no modelo textual. A partir dessa ação, desencadeia-se a segunda, que vai se referir às retomadas daqueles referentes que, uma vez introduzidos na materialidade textual, vão ser retomados no decorrer do texto, contribuindo para a manutenção tópica, para a construção do eixo central em torno do qual as várias ideias apresentadas vão convergir e, finalmente, atendendo ao princípio da metarregra de repetição, proposto por Charolles (1988), o que contribui para que se mantenha a unidade temática no texto.

A terceira ação vai se concretizar quando o autor, ao retomar os referentes que vão constituir a unidade temática do texto, o faz por meio da construção de uma nova visão sobre tais referentes, concretizando, assim, uma recategorização desses objetos de discurso, ao mesmo tempo em que direciona seu dizer, buscando convencer o leitor a acreditar nas suas palavras como a verdade mais plausível no momento da interação.

Para a concretização desse projeto, a língua dispõe de uma série de elementos, dentre os quais o autor vai escolher aqueles que mais contribuirão para a clareza da sua escrita/fala e para o convencimento do leitor.

Esse processo de ressignificar referentes textuais de modo a torná-los coerentes com as intenções do autor é o que caracteriza a anáfora recategorizadora, que é uma estratégia de referenciação muito produtiva para a construção de argumentos na produção de um texto, tarefa à qual estão expostos os alunos do ensino médio e, mais fortemente, quando da sua participação na prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), oportunidade em que se cobra desses alunos habilidades no uso da língua escrita visando a produção de uma manifestação linguística que venha a atender os propósitos estabelecidos nessa avaliação.

Alguns autores têm buscado identificar as características dessa estratégia de referenciação ao mesmo tempo em que tem buscado identificar os elementos linguísticos utilizados para tal. Nesse rol de autores, trazemos o posicionamento de Lima e Cavalcante (2015) que procuram construir um entendimento dessa estratégia, apontando sua importância para a concretização de um projeto de dizer por parte do autor, quando da produção de uma manifestação linguística. Para essas autoras, com base nos estudos desenvolvidos por Denis Apothéloz e Marie-José Reichler-Béguelin, em meados dos anos de 1990, a recategorização lexical é definida como:

O processo pelo qual os falantes designam os referentes, durante a construção do discurso, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos. Isso significa que o falante dispõe de uma série aberta de expressões para nomear um referente, mas essas expressões podem sofrer constantes reformulações, de acordo com as diferentes condições enunciativas. (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 57)

Percebemos que a anáfora recategorizadora representa uma estratégia da qual o autor pode se valer para colocar em prática a sua intenção comunicativa, a qual pode estar implícita através do uso de determinada expressão com aparência de neutralidade discursiva. A recategorização representa, assim, uma estratégia, às vezes meio que dissimulada, de posicionamento discursivo do autor diante do tema tratado no texto.

Tal estratégia de construção discursiva representa um terreno fértil através do qual o autor pode assumir uma série de posicionamentos diante da materialidade textual, a qual demanda um certo grau de habilidade do leitor para perceber as ideias imbuídas no aspecto contextual da interação. Podemos afirmar, portanto, que as escolhas que o autor faz para realizar a recategorização de referentes textuais, e até mesmo a atitude de não o fazê-lo, marcam

posicionamentos discursivos diante do assunto tratado no texto. Neste sentido, vale refletir sobre o posicionamento de Antunes (2010, p. 31) ao afirmar que:

Assim, nada do que dizemos é destituído de uma intenção. O sentido do que dizemos aos outros é parte da expressão de um ou mais objetivos. Falamos com a intenção de “fazer algo”. O sucesso de nossa atuação comunicativa está, sobretudo, na identificação dessa intenção por parte do interlocutor, com quem interagimos. Por isso mesmo é que, no percurso da interação, vamos dando as instruções necessárias para que o outro vá fazendo, com eficácia, essa identificação.

Esse posicionamento de Antunes nos direciona para o entendimento de que o uso da recategorização reflete uma estratégia textual-interativa e está alinhada a uma orientação argumentativa do autor, com o objetivo de concretizar o seu plano discursivo, no qual se percebe claramente a sua intencionalidade, a qual se manifesta através das expressões utilizadas para ressignificar os referentes, adequando-os a um propósito comunicativo específico.

Para Mondada e Dubois (1995), a referenciação reflete a instabilidade gerada em torno das categorias do mundo, a partir da qual é possível perceber a presença de categorias evolutivas e adaptáveis a uma intenção comunicativa. Ou seja, a recategorização vem atender a este desejo do autor quando ele percebe que é necessário ultrapassar uma denominação básica de um referente e adentrar um plano mais intencional, considerando o aspecto sociointeracional e cognitivo da língua, e visando um processamento do sentido planejado por ele quando da recepção da mensagem pelo leitor.

Reforçando este entendimento da recategorização, Apotheloz (1995) vê a recategorização como fruto da evolução das categorias culturais que são inerentes ao homem, quando, diante da construção de uma manifestação linguística, muitas vezes, abandona uma definição padrão de um objeto de discurso em prol da adoção de objetivos persuasivos, adentrando uma função argumentativa, social, estética etc, e busca o entendimento/convencimento do leitor, corroborando com a ideia de Antunes (2010), quando defende que só obtemos sucesso com um texto quando o nosso leitor consegue, por meio da leitura, recuperar nossas intenções enquanto autor.

Koch (2004) segue nesta mesma linha de entendimento quando diz que a recategorização dá-se a partir da expansão de endereços cognitivos já existentes no texto, a partir dos quais o autor adota uma função cognitiva, discursivo-argumentativa e interacional no seu texto.

Ainda nessa esteira, trazemos mais uma vez a ideia de Cavalcante (2003) quando defende que a recategorização reflete a expansão de um referente para atender a objetivos persuasivos do autor, que os organiza conforme seu propósito comunicativo.

Já Lima e Cavalcante (2015) afirmam que os estudos da Linguística Textual apresentam dois momentos que retratam uma mudança na forma de encarar a recategorização. Em um primeiro momento, segundo as autoras, a recategorização é vista pelo viés de uma abordagem textual discursiva, em que se processa a ressignificação de um item já presente no texto, por meio de uma retomada anafórica que, na visão de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) se refere a uma retomada por correferencialidade. Essa mesma ideia é defendida por Apothéloz (1995). Para esta autora, a recategorização remodela os objetos de discurso visando o atendimento das condições enunciativas e do projeto de dizer do autor, explorando, para tanto, os aspectos da plasticidade dos significados construídos na interação.

Por outro lado, o segundo momento dos estudos da recategorização adota um viés cognitivo-discursivo por meio do qual é possível se recategorizar referentes não materializados no cotexto, ou seja, que estão presente somente no contexto, os quais são inferidos pelo leitor por recorrência ao conhecimento de mundo quando do processamento da leitura.

Em relação ao aspecto cognitivo-discursivo da recategorização, Cavalcante (2013) afirma que:

A recategorização é, por definição, uma alteração nas associações entre representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, em nossa visão pública de mundo. A menor ou maior desestabilização da categoria em mudança é o próprio traço, explícito ou implícito, que define a recategorização de um referente, quer tenha ele sido já introduzido no discurso para ser transformado, quer não tenha sido e se recategorize apenas mentalmente, no próprio momento em que o anafórico remete indiretamente à sua âncora. (CAVALCANTE, 2013. p. 132)

Esse posicionamento de Cavalcante corrobora a ideia defendida por Apothéloz (1995), ao defender que a recategorização pode ocorrer pela ressignificação de um objeto de discurso materializado no texto, ou somente autorizado pelo contexto. Ideia esta também defendida por Lima (2009), que afirma que, no caso da recategorização de objetos autorizados somente pelo contexto, este processo se realiza mentalmente apenas, e chegamos a tais objetos guiados pelo conhecimento enciclopédico do qual dispomos.

Esse é um processo ao qual os candidatos que realizam a prova de redação do ENEM devem estar atentos. Isto é, eles precisam fazer uso dessa estratégia, mas de modo autorizado pelo contexto, para que seus textos não se tornem prolixos, por não articularem e organizarem

informações que garantam a progressão das ideias, bem como para não realizar recategorizações dúbias ou não autorizadas pelo contexto. Percebe-se, dessa forma, que o fenômeno da recategorização transcende as operações lexicais e adentra os aspectos cognitivos e lexicais, indissociavelmente, manifestando-se como um processo de natureza cognitivo-discursivo. Neste sentido, Lima (2009, p. 57) propõe que:

- i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais;
- ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizado por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas;
- iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais.

Percebemos, portanto, conforme Lima (2009), que a recategorização pode ocorrer não só no nível lexical, mas também no nível cognitivo, para o qual contribuem as inferências proporcionadas pelo uso da metáfora e da metonímia. Esse processo dá-se através da evocação de um frame que vai constituir as pistas suficientes para o processamento das ideias elencadas no texto.

Na sequência, trazemos uma redação do ENEM, edição 2018, na qual analisamos o uso da recategorização, com base nos questionamentos referidos até aqui, e sua contribuição para a construção dos sentidos do texto.

### **A RECATEGORIZAÇÃO EM REDAÇÃO DO ENEM: UMA ANÁLISE A PARTIR DE UM TEXTO AVALIADO COM NOTA 1000**

A proposta de análise do uso da recategorização adotada neste artigo parte dos postulados apresentados por Cavalcante (2013) e Cavalcante e Lima (2015), que apresentam o uso da recategorização como estratégia a serviço de um projeto de dizer do autor, o qual usará a estratégia de retomada e ampliação de referentes textuais sempre que julgar necessário o acréscimo de descrições, visando o direcionamento do seu discurso sem, contudo, descuidar dos objetivos pretendidos e do atendimento às expectativas do seu possível leitor.

A partir das discussões apresentadas acima, passaremos agora à análise de uma redação do ENEM, edição 2018, cujo tema foi: *A manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet*, que foi avaliada com nota máxima. A partir desta redação,

analisaremos a ocorrência da anáfora recategorizadora e sua contribuição para a retomada e progressão das ideias no texto.

<sup>4</sup>Segundo Steve Jobs, um dos fundadores da empresa “Apple”, a tecnologia move o mundo. Contudo, os avanços tecnológicos não trouxeram apenas avanços à sociedade, uma vez que bilhões de pessoas sofrem a manipulação oriunda do acesso aos seus dados no uso da internet. Nesse sentido, esse processo é executado por empresas que buscam potencializar a notoriedade do seus produtos e conteúdos no meio virtual. Sob tal ótica, esse cenário desrespeita princípios importantes da vida social, a saber, a liberdade e a privacidade.

De acordo com Jean Paul Sartre, o homem é condenado a ser livre. Nessa lógica, o uso de informações de acesso pessoal para influenciar o usuário confronta o pensamento de Sartre, visto que o indivíduo tem sua liberdade de escolha impedida pela imposição de conteúdos a serem acessados. Dessa forma a internet passa a ser um ambiente pouco democrático e torna-se um reflexo da sociedade contemporânea, na qual as relações de lucro e interesse predominam. Faz-se imprescindível, portanto a dissolução dessa conjuntura.

Outrossim, é válido ressaltar que, conforme Immanuel Kant, o princípio da ética é agir de forma que essa ação possa ser uma prática universal. De maneira análoga, a violação da privacidade pelo acesso aos dados virtuais sem a permissão das pessoas vai de encontro à ética kantiana, dado que se todos os cidadãos desrespeitassem a privacidade alheia, a sociedade entraria em profundo desequilíbrio. Com base nisso, o uso de informações virtuais é prejudicial à ordem social e, por conseguinte, torna-se contestável quando executado sem consentimento.

Em suma, são necessárias medidas que atenuem a manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet. Logo, a fim de dar liberdade de escolha ao indivíduo, cabe às empresas de tecnologia solicitar a autorização para o uso dessas informações, por meio de advertência com linguagem clara, tendo em vista a linguagem técnica utilizada, atualmente, por avisos do tipo. Ademais compete ao cidadão ficar atento a essa questão, de modo a cobrar e pressionar essas empresas. Enfim, a partir dessas ações, as tecnologias, como disse Steve Jobs, moverão o mundo para frente.

Nesse texto, observamos algumas ocorrências da anáfora recategorizadora, as quais, segundo Lima e Cavalcante (2015), não servir para selecionar os referentes mais adequados ao projeto comunicativo do autor. Tais referentes serão reformulados através de anáfora recategorizadora de modo a direcionar o discurso, visando atender aos objetivos a que se propõe esse texto.

Nesse sentido, percebemos na análise do texto, em epígrafe, que o autor, logo no início traz a expressão “*um dos fundadores da empresa “Apple”*” para recategorizar o referente “*Steve Jobs*”. Essa estratégia tem como objetivo imprimir maior validade a afirmação que vem a seguir, através do uso de um discurso de autoridade, visando levar o leitor a tomar como verdade tal afirmativa.

---

<sup>4</sup> O texto apresentado foi retirado do site <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/conheca-as-redacoes-nota-mil-enem-2018/345063.html>. Acesso em 15 de jul. de 2019.



Com essa atitude, o autor já cria um clima de expectativa no leitor, dando a entender que tem segurança do que está falando e, ao mesmo tempo, criando uma expectativa no leitor que buscará verificar como o autor vai justificar essa tese apresentada, a partir do discurso de autoridade apresentado.

Continuando, nesse mesmo parágrafo, o autor traz a expressão “*esse processo*” que recategoriza a ação descrita anteriormente que é “*manipulação oriunda do acesso aos seus dados no uso da internet*”. O uso do termo “*processo*” para referir tal ação traz um direcionamento no discurso do autor, deixando latente a ideia de que ele não entrará em discussões pormenorizada desse assunto e, ao mesmo tempo, busca fechar essa unidade tópica já abrindo outra que vai focar na causa da anterior, ou seja, o desejo de dar visibilidade aos seus produtos faz com que as empresas manipulem os dados dos usuários na internet.

Ainda nesse parágrafo, o autor traz o termo “*ótica*” para recategorizar a ação das empresas que buscam dar visibilidade a seus produtos na web. A opção pelo termo citado vai contribuir para fechar o tópico que está em discussão e marcar um posicionamento discursivo do autor diante do fato exposto. Isso fica claro na sequência do texto quando ele afirma que a atitude das empresas desrespeita a “*liberdade e a privacidade*” das pessoas.

Fechando o primeiro parágrafo, o autor recategoriza “*liberdade e privacidade*” como “*princípios importantes da vida social*”. Nesta recategorização ele mostra que liberdade e privacidade são princípios da vida, isto é, são valores imprescindíveis em uma sociedade democrática. Ao mesmo tempo, mostra para o leitor que defende esses princípios, buscando atender a um dos aspectos cobrados na redação do ENEM que é um posicionamento favorável ao respeito para com os direitos humanos.

No segundo parágrafo, o autor traz mais um discurso de autoridade que é a afirmação de Sartre de que “*o homem é condenado a ser livre*”. Logo, a seguir, utiliza o termo “*lógica*” para referir-se a essa afirmação. Este termo promove uma recategorização da ideia de Sartre por enxergá-la como uma condição básica e fundamental para a vida das pessoas. Neste ponto, mais uma vez, o autor utiliza uma recategorização para marcar um posicionamento discursivo favorável à defesa dos direitos humanos.

Logo mais à frente, ainda nesse mesmo parágrafo, o termo “*indivíduo*” traz uma reformulação de “*homem*” colocado anteriormente. A opção por esse termo genérico marca mais um posicionamento do autor no sentido de afirmar que esses princípios, “*liberdade e privacidade*”, devem ser condições inerentes à vida de qualquer pessoa, sem qualquer distinção de cor, raça, sexo, religião etc. Essa opção vem confirmar o que nos afirma Antunes (2010), quando diz que há uma intenção implícita ou explícita em tudo o que falamos.

Fechando o segundo parágrafo, o autor usa o termo “*conjuntura*” para caracterizar a falta de liberdade no uso da internet aliada ao interesse das empresas, ávidas por lucros cada vez mais altos. Percebe-se que o termo “*conjuntura*” não só retoma a informação anterior, mas traz também uma percepção do autor de que esse tema é complexo, representa uma ideologia mercadológica muito bem arquitetada e que é difícil reverter a situação em favor da liberdade defendida por ele. Além disso, essa recategorização marca o fechamento do tópico paragrafado, que são os argumentos em favor da defesa da afirmação de Sartre, apresentada no início do parágrafo.

O terceiro parágrafo apresenta a expressão “*prática universal*” para recategorizar o “*princípio da ética*”. Esse posicionamento do autor vem corroborar com a ideia defendida por ele quando do uso da expressão indivíduo, no segundo parágrafo.

No quarto parágrafo, percebe-se que o fio condutor do texto se mantém conduzido pelas reformulações que giram em torno das pessoas e da liberdade que elas devem ter em uma sociedade democrática. No primeiro parágrafo, por exemplo, o autor usa o termo “*pessoas*” para referir um dos eixos do texto. No segundo parágrafo, há a reformulação pelo uso do termo “*o homem*”, que em seguida é retomado por “*indivíduo*”. O terceiro parágrafo traz outra reformulação através do termo “*pessoas*”, repetindo o termo apresentado no início do texto, e logo à frente é recategorizada por “*cidadãos*” e por “*sociedade*”, termos esses escolhidos para atender a um posicionamento favorável do autor em prol da defesa dos direitos humanos, conforme cobrado na redação do ENEM.

Finalmente, o quarto parágrafo traz mais uma recategorização manifesta pelo termo “*usuário*”. O uso desse termo, ao mesmo tempo em que contribui para dar continuidade às retomadas, garantindo a manutenção do tópico discursivo, marca um posicionamento do autor no sentido de deixar transparecer a crença de que, diante do complexo arcabouço que representa a internet, o ser humano se apequena, passando a assumir uma posição de “usuário”, de consumidor/receptor do que lhe oferecem os que estão por trás de toda essa arquitetura. Essa visão de supremacia da internet em relação às pessoas já havia sido referida pelo autor quando do uso do termo “*conjuntura*” no fechamento do segundo parágrafo.

Percebemos assim que a recategorização contribui para a organização das ideias no texto, para a manutenção tópica e para a retomada e reelaboração de referentes, visando a concretização de um projeto de dizer. Observa-se que, no texto em epígrafe, o uso dessa estratégia referencial contribuiu para a boa formação textual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de produção de textos envolvem uma série de estratégias que devem ser trabalhadas pelos professores em sala de aula, visando desenvolver as habilidades de produção e de recepção de textos pelos estudantes, de modo a torná-los capazes de assumir uma postura proativa como cidadão, participando dos mais variados contextos que exigem letramentos mais complexos.

Neste artigo, buscamos abordar o uso da anáfora recategorizadora como uma estratégia de construção de sentido em uma manifestação escrita em um determinado contexto de produção, no caso, o de produção de texto dissertativo-argumentativo por ocasião da participação do candidato no ENEM, processo no qual, supõe-se, ele busca alcançar êxito.

Percebemos, com a análise, que a recategorização contribui para a manutenção tópica e progressão das ideias no texto através de retomada e reelaboração de referentes textuais, as quais são realizadas pelo autor buscando a concretização de uma intenção comunicativa.

Dessa forma, buscamos mostrar como a recategorização funciona na direção desse projeto de dizer do autor, refletindo sobre a organização das ideias no texto e os sentidos que estão subjacentes quando ele faz opção por um determinado termo para expressar o sentido que pretende que o leitor construa.

Verificamos que o uso da recategorização no texto analisado contribui para a retomada e ampliação dos referentes textuais, mas ainda há algumas situações em que o uso de um termo mais adequado poderia contribuir melhor para a construção do sentido pretendido pelo autor.

Esperamos, assim, que esse artigo suscite reflexões sobre o uso dessa estratégia de referenciação e sua contribuição para a escrita, e que outros trabalhos venham enriquecer essa visão, inclusive, nos contextos de ensino e aprendizagem da língua escrita nos mais diferentes gêneros.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

APOTHELÓS, D. *Rôleetfonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle* Tese (Doutorado) – Université de Neuchâtel, 1995. P.18 – 43. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; revisão de AlenaCiulla. In: **Referenciação**. CAVALCANTE. M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, Alena. 1. ed. 1ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, S. M. C. (Orgs.). **Referencialção: teoria e prática.** São Paulo: Cortez, 2013.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). **Coerência, referencialção e ensino.** São Paulo, Cortez, 2014.

CHAROLLES, M. (1988). Introdução aos problemas de coerência dos textos. Trad. Paulo Otoni. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Orgs.). **O texto: escrita e leitura.** Campinas: Pontes, pp. 39-85.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual.** 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V. **As tramas do texto.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referencialção e discurso.** São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, S. M. C. de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo dos processos de recategorização.** 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, S. M. C. de; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, vol 13, n. 25, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/357d083dd43195695b2541a9bde1b43d.pdf>. Acessado em: 01 jul. 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, Análise de Gênero e compreensão.** 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referencialção e discurso.** 2. ed. 1ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2017.